

CARGAS PRESENTES

Adriano B. Espíndola Santos

ERA O TOM POSSÍVEL. Não havia ocre ou azul. Nenhum céu resplandecia. O chão irrompeu desde o interior. Supurava vermes e insetos medonhos, que subiam pelo lombo do bezerro, quase morto, para se alojarem e se fartarem de carne putrefata. As árvores, se assim se podia chamar, eram propriamente veias, galhos secos, sem uma gota de sangue. Uma casinha desbotada era apagada pela opacidade. Só se viam, com muito esforço, as paredes de barro ruírem; convertiam-se em pó, no mesmo ato de olhá-las, a ponto de se questionar se alguma alma poderia viver ali.

Deixaram – quem supostamente conseguiu fugir – cabaças, tocos finos de pau, para servir a um fogareiro descurado; uma espécie de rede mal amanhada, com espessos furos, que suportaria, no máximo, um ser humano franzino, talvez para aguentar o corpo moribundo e facilitar o transporte e o acondicionamento, quando acabada a pena capital.

Ao lado do ínfimo quadrúpede, resistia a rês de nome mimosa, ainda que detonada e concretada pela poeira seca, severamente imóvel; depois que tudo se perdeu. Então, a mãe assistia ao espezinhar da morte sobre si e o pequeno bezerro, com os urubus à espreita, rondando e saudando o devir portentoso.

Laurentino acordou de um pulo, expurgando os vultos dos olhos, com mãos enérgicas para o alto, como a estapeá-los. O suor encharcara os lençóis, sugado pela esponja do colchão de molas, confortável; nem o ar condicionado, marcando 17 graus, foi capaz de socorrê-lo da desidratação. Sentia uma sede terrível. Correu, desesperado, à cozinha, para degustar lentamente a água mineral, com gás; arrancada a garrafa da geladeira, como se fosse a última.

Estranho é que, nascido em São Paulo, nunca teria vivido no interior; não possuía essas referências; sequer passado uns dias pelas bandas do Ceará, origem de sua família paterna, pois que o pai, desgarrado, encarando e desbravando o país em boleias e carrocerias de tantos transportes, não tocara no assunto – para ele, “Morto. Enterrado.”.

Não sabia o sentido daquele sonho – pesadelo. A não ser, depois de alguns instantes de confusão, quiçá intuiu ser uma lembrança vaga, sobrenatural, de seus antepassados distantes, mortos nos campos de concentração do nordeste, nos alvoroços das terríveis secas.

Constatara que o sonho era prenúncio de que as mortes e as vidas se entrecortavam, sempre; além dos tempos.

...

Já contara cinco anos da morte do pai. Não tinha lá grandes informações. O velho Simão não falava das pressões no coração; trabalhara feito um louco para “salvar” os filhos. Agora, por si, Laurentino se via compelido a buscar explicações.

A tia Faustina, que constituía vida em Fortaleza, seria o único elo. De chofre, viajou, no dia seguinte, à cidade, com o intuito e a ousadia de reparar as cargas do passado.

A prima Liduína recebeu-o com desvelo, como se o conhecesse há tempos; oferecendo um dos cômodos da casa para a estadia; para que ficasse perto da tia.

Laurentino tocava suas mãos de peles finas, manchadas pelo sol; o retrato de uma vida difícil, de labuta dura. Falava ao pé do ouvido, animando-se com os sorrisos sutis liberados pela tia. Ela, então, confiante, dedicou horas a contar o fenecimento da mãe, no malsinado parto de um rebento atravessado, que completaria um total de seis. Logo o pai se acabou, continuamente, sem conseguir lutar, tamanha a dor. Os filhos o acorriam, na medida do possível. Mas, doente, magro, definhou rapidamente, acompanhando o apagamento da derradeira besta da criação.

Bebendo água contaminada, enlameada; subsistindo, controladamente, com uma saca de farinha e pedaços de carne seca, salgada e guardada, provenientes dos bichos perdidos, dois irmãos, os mais novos, caíram, com os buchos por acolá.

Simão, naquela altura com treze anos, deixou as irmãs aos cuidados dos frades, para serem adotadas, recusando-se, veementemente, a ficar; descia um olhar de pavor e de desprezo pelo chão. Fugiu, de mala e cuia, e conseguiu, depois de meses, aportar na terra prometida – pelo menos em sua concepção.

Falava à irmã, nas poucas conversas que tiveram, por respeito à sua honra, que não havia passado, só presente e futuro. Laurentino, no entanto, por sua íntima compaixão, pensava em recuperar os cacos, de modo que não demorou a adquirir o terreno indicado pela tia, onde existiu a casa da família, e a construir um abrigo para os necessitados.

Nunca mais se apartou da terra de origem. Fizera o caminho de volta, tantas vezes. Entendia o pai e, ao mesmo tempo, percebia que precisava liberar as almas aflitas do jugo perverso das cargas do passado. Era uma questão unicamente sua, pessoal.

Deitava na paz do seu ser, leve, quando sonhava com o pai feliz, correndo verdes campos; distribuindo sorrisos ao imenso céu.

Adriano B. Espíndola Santos

Natural de Fortaleza, Ceará. Autor dos livros *Flor no caos*, 2018 (Desconcertos Editora), e *Contículos de dores refratárias*, 2020 (Editora Penalux). Colabora mensalmente com a Revista Samizdat. Tem textos publicados nas Revistas Acrobata, Berro, Brasil Drummond, Desenredos, Diversos Afins, InComunidade, Lavoura, LiteraturaBr, Literatura & Fechadura, Mallarmagens, Mbenga, Mirada, Pixé, Poesia Avulsa, Ruído Manifesto, São Paulo Review e Vício Velho. Advogado humanista. Mestre em Direito. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.